

As exportações do RS em 2003

Teresinha da Silva Bello*

Economista da FEE.

Resumo

No texto, analisam-se as exportações do Rio Grande do Sul em 2003. São feitas algumas considerações sobre o comportamento da taxa de câmbio ao longo do ano. A seguir, é feita uma análise global das exportações gaúchas, enfocando o desempenho das exportações por categoria de uso e por fator agregado, bem como os principais destinos das vendas do Estado para o Exterior. Na terceira parte, são enfocados os principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul: calçados; complexo soja; fumo; complexo carnes; máquinas e caldeiras; veículos, automóveis, tratores, etc, suas partes e acessórios; e produtos petroquímicos; e couros. Para encerrar, são feitas algumas considerações finais.

Palavras-chave

Rio Grande do Sul; exportações; câmbio.

Abstract

The exports of Rio Grande do Sul are analyzed. In the first part, some considerations about the behavior of the exchange rate and its implications on the State's foreign sales are made. In the second part, a general overview is presented, showing the exports per category of use, per aggregated factor and the main destination of Rio Grande do Sul foreign sales. In the third part, comments are made upon the main product exports: shoes; soybean complex; tobacco; meat complex; machines and boilers, vehicles, automobiles, tractors and

* A autora agradece aos colegas Sônia U. Teruchkin e Álvaro Antônio L. Garcia pelas observações feitas à versão preliminar deste artigo e ao estagiário Denilson Alencastro pela confecção das tabelas.

their parts and accessories; petrochemicals; leather. Finally, some final considerations are made.

**Os originais deste artigo foram recebidos
por esta Editoria em 19.12.03.**

Introdução

O presente texto analisa as exportações do Rio Grande do Sul em 2003. Antes, porém, são feitas algumas considerações sobre o comportamento da taxa de câmbio ao longo do ano, tendo em vista a polêmica sobre a taxa de câmbio real: se a mesma estava valorizada, ou não. A seguir, é feita uma análise global das exportações gaúchas, onde são demonstrados o desempenho das exportações por categoria de uso e por fator agregado, bem como os principais destinos das vendas do Estado para o Exterior. Na terceira parte, são enfocados os principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul: calçados; complexo soja; fumo; complexo carnes; máquinas e caldeiras; veículos, automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios; produtos petroquímicos; e couros. Para encerrar, são feitas algumas considerações finais.

Câmbio

Um dos grandes debates em relação ao câmbio, ao longo de 2003, foi se a sua taxa estava valorizada, prejudicando as exportações, ou se os índices do câmbio real¹ correspondiam a uma taxa ao par ou perto dela. Tradicionalmente, no Brasil, a taxa de câmbio efetiva real/dólar é calculada levando-se em conta uma cesta de 13 moedas, cujos pesos são ponderados por sua participação na corrente de comércio (exportação mais importação) brasileira e considerando-se o Índice de Preços por Atacado o (IPA) no Brasil e nos 13 parceiros comerciais.² Entretanto existe uma forte correlação entre a taxa de câmbio e o

¹ O índice da taxa de câmbio real é calculado com base na taxa de câmbio nominal brasileira corrigida pela relação entre o correspondente Índice de Preços por Atacado externo e o Índice de Preços por Atacado doméstico (IPA-DI da FGV).

² O índice da taxa de câmbio efetiva real (R\$/cesta de 13 moedas) é calculado pela Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex) com base nas taxas de câmbio reais dos

IPA, já que este último possui em sua composição um razoável percentual de mercadorias *tradables*, isto é, “(...) bens cujo preço é determinado pelo mercado internacional e pela taxa de câmbio” (Boletim Funcex, 2003, p. 3) e que são comercializáveis com o Exterior. Assim, quando se pretende fazer uma avaliação mais abrangente do nível de valorização da taxa cambial, utilizam-se índices onde a proporção de *tradables* é menor ou com baixo nível de indexação ao câmbio, como é o caso, por exemplo, dos salários e dos serviços, os quais são considerados bens *no tradables*. No caso brasileiro, esse índice escolhido geralmente tem sido o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

Em duas séries elaboradas recentemente pela Funcex, foi calculado o índice da taxa de câmbio real efetiva tomando-se como base, em uma delas, o IPA e, na outra, o IPCA, onde se concluiu que: “Embora o padrão das duas séries seja semelhante, quando se utilizam os índices de preço ao consumidor, o resultado é uma taxa de câmbio efetiva mais desvalorizada” (Boletim Funcex, 2003, p. 3).

Portanto, quem quisesse provar que em 2003 o câmbio esteve valorizado utilizaria o IPA, e quem pretendesse mostrar que a valorização não foi tão drástica preferiria a utilização do IPCA.

A Fundação de Desenvolvimento Administrativo (Fundap), em sua publicação **Indicadores DIESP**, utiliza o IPA e o INPC como deflatores para calcular os índices de taxas de câmbio (Tabela 1), e sua conclusão é que, tomando-se como base o ano de 2002 e utilizando-se o INPC e uma cesta de sete moedas, a taxa efetiva de câmbio esteve mais desvalorizada do que em 2002.

No início de janeiro de 2003, logo após a posse do novo Governo, a taxa de câmbio nominal estava em torno de R\$ 3,54 por dólar, depois de ter atingido seu auge ao final de 2002, às vésperas da eleição presidencial. A partir de março de 2003, com as medidas macroeconômicas tomadas pelo Governo Lula (aumento da taxa de juros, maior controle da base monetária e decisão de elevar o superávit primário para 4,25% do PIB), a taxa cambial nominal entrou em queda acelerada, estabilizando-se dentro de um patamar relativamente estreito de flutuação a partir de junho. E, em meados de dezembro, estava em torno dos R\$ 2,92 por dólar.

A política cambial do Banco Central (Bacen) no novo Governo foi a manutenção da livre flutuação cambial, abstendo-se de intervir diretamente no merca-

países que compõem a respectiva cesta, ponderada pela participação média de cada país na corrente de comércio do Brasil. Os respectivos vetores de ponderação atuais são: EUA (35,6); Japão (7,0); Alemanha (9,6); França (4,9); Itália (5,6); Holanda (4,6); Reino Unido (3,8); Bélgica (3,1); Argentina (16,3); Uruguai (1,6); Paraguai (1,5); Chile (3,0); e México (3,4).

do de câmbio. Entretanto, principalmente no segundo semestre, essa ausência da autoridade monetária foi, em parte, compensada pelas aquisições do Tesouro Nacional, via Banco do Brasil (BB), no mercado de câmbio. Através da compra de dólares pelo BB, o Governo evitava maior valorização do real e uma deterioração das reservas líquidas, já que os dólares adquiridos seriam utilizados no pagamento de compromissos da dívida externa soberana.

Em 2003, a meta de compras de dólares no mercado anunciada pelo Bacen era de US\$ 2,2 bilhões e foi aumentada para US\$ 5,64 bilhões, tendo o Governo intensificado suas compras a partir do segundo semestre, já que, no primeiro, o Tesouro comprou, em média, cerca de US\$ 100 milhões por mês. Ao comprar dólares no mercado por meio do Tesouro, o Governo também evitava uma disparada do dólar, que poderia ser desencadeada caso houvesse intervenção do Bacen adquirindo a moeda norte-americana, já que o Banco Central é obrigado a noticiar ao público, no mesmo dia, quando realiza alguma operação dessa natureza. Já o Tesouro não é obrigado, podendo comprar dólares sem tornar pública a operação. Ou seja, uma intervenção do Bacen poderia ter um “efeito psicológico” sobre os agentes do mercado e ser interpretada como uma tentativa do Governo de fixar um piso para a cotação do dólar. E os agentes, diante da perspectiva de que o dólar não cairia abaixo desse piso, isto é, com o preço da moeda norte-americana só tendendo a subir, poderiam dar início a uma corrida ao dólar, que forçaria uma desvalorização do real maior do que a desejada pelo Governo.

O Tesouro Nacional e o Bacen também aproveitaram o excesso de liquidez em dólar — fruto, principalmente, do excelente saldo comercial no ano — para diminuir parte da dívida mobiliária indexada à taxa de câmbio. Isto porque a boa disponibilidade de dólares no País estabilizava a cotação cambial, fazendo cair a procura por *hedge*³. E uma das maneiras de fazer *hedge* era comprar títulos do Governo indexados ao dólar. Ao renovar apenas uma parte da dívida pública indexada ao dólar, o Tesouro deslocava uma parcela da demanda ainda existente por “*hedge cambial*” para o mercado de câmbio. Ou seja, forçava um aumento na demanda por dólares, atenuando a valorização do real.

Além dos fatores internos, fatores externos também têm atuado sobre o comportamento da taxa de câmbio. Desde fevereiro de 2002, o dólar vem dando

³ “*Hedge cambial* é uma operação pela qual se compra a moeda americana no mercado futuro a uma taxa definida. Esse tipo de proteção é usado por quem tem dívidas a pagar ou créditos a receber em moeda estrangeira, por importadores e por exportadores. Eles normalmente temem uma forte oscilação do dólar, que pode afetar suas receitas ou despesas. Por isso vão à BM&F e fazem um contrato em que fica definido que pagarão pelo dólar uma cotação numa determinada data.” (Balbi, 2003, p. B-1).

sinais de enfraquecimento frente às demais moedas. “Medido pelo índice das taxas de câmbio de vários países ponderadas pela importância de cada um no comércio com os EUA, o dólar se desvalorizou em cerca de 17% entre março de 2002 e setembro de 2003.” (Delfim Netto, 2003, p. A-2).

Praticamente todas as moedas se valorizaram ante o dólar, e sua desvalorização só não é maior porque países asiáticos têm manipulado o câmbio, comprando dólares e enfraquecendo suas moedas, para não perder competitividade.

O déficit crescente nas contas externas e internas dos Estados Unidos e as baixas taxas de juros praticadas naquele país têm afastado os investidores internacionais privados dos ativos denominados na moeda norte-americana, sejam títulos, sejam ações. A demanda privada por títulos em dólares está em queda, e o que tem sustentado a moeda é o setor público, mais especificamente os Bancos Centrais asiáticos. Como a desvalorização do dólar torna mais caros os produtos asiáticos, países como o Japão e a China têm mantido suas moedas artificialmente depreciadas, comprando dólares. Paralelamente, aumenta a demanda por papéis cotados em euro, especialmente na área de influência econômica dessa moeda, o que também pressiona para uma valorização do euro e depreciação do dólar.

De acordo com Delfim Netto, existe um co-movimento entre a taxa real/dólar e a taxa de câmbio dólar/cesta de moedas nos Estados Unidos: “Vemos um significativo co-movimento entre elas, o que sugere que a valorização do real (20%) neste ano se deve, de um lado, à desvalorização do dólar (10%) e, de outro, aos movimentos dos mercados (10%)” (Delfim Netto, 2003a, p. A-2)

Ou seja, tanto fatores internos quanto externos têm atuado sobre o nível da taxa de câmbio, e são pequenas as possibilidades de uma forte desvalorização do real frente ao dólar nos próximos meses.

Visão global das exportações

De janeiro a outubro de 2003, as exportações gaúchas elevaram-se 24,26%, percentual superior ao desempenho nacional para o período, quando as vendas externas do Brasil aumentaram 20,73%. Com isso, a participação do Rio Grande do Sul no total exportado pelo País elevou-se de 10,79% nos primeiros 10 meses de 2002 para 11,10% em igual período de 2003, mantendo-se em segundo lugar no *ranking* dos estados exportadores, atrás apenas de São Paulo.

O Rio Grande do Sul vem obtendo tais resultados como fruto de uma série de ações, tanto dos Governos Federal e Estadual quanto da iniciativa privada,

que, nos dois últimos anos, vêm incentivando a atividade exportadora, apesar da valorização cambial registrada em 2003. Desoneração fiscal, acesso mais rápido ao financiamento, desburocratização, por exemplo, fazem parte do conjunto de medidas governamentais voltadas para o incentivo às exportações e cujos resultados já estão aparecendo. Pelo lado da iniciativa privada, tem-se observado um maior esforço no sentido de diversificar mercados e produtos, até porque a recessão em que mergulhou a economia brasileira não deixou muita escolha além de expandir suas vendas ao mercado internacional. E o Rio Grande do Sul, com sua posição privilegiada dentre os estados exportadores, tem correspondido às expectativas através do aumento de suas vendas externas.

Fatores conjunturais internos e externos contribuíram para o bom desempenho das exportações gaúchas em 2003. Do lado doméstico, apesar da valorização cambial, o baixo crescimento da economia e a contração da renda real da população impulsionaram as vendas para o mercado externo, o qual serviu de “válvula de escape” especialmente para alguns produtos industrializados, tais como os das indústrias mecânica e de plásticos. Simultaneamente, produtos tradicionais da pauta exportadora gaúcha, como é o caso da soja, apresentaram ótima performance ao longo de 2003, contribuindo não somente para os bons resultados do comércio exterior do Estado, como para atenuar a recessão interna, evitando que esta fosse ainda mais intensa.

Os bens de capital elevaram suas vendas em 49,23%, e, dentre os bens intermediários — cujo aumento foi de 29,92% —, cabe destaque para alimentos e bebidas destinados à indústria, com acréscimo de 88,95% nas vendas (Tabela 2). No caso da categoria combustíveis e lubrificantes, o aumento de 70,79% nas exportações deveu-se, em grande parte, à elevação dos preços internacionais. Entretanto, dada sua pequena participação na pauta de exportações do Estado (0,12%), o alto percentual de variação perde significado.

Do lado externo, a forte alta nos preços de algumas commodities importantes na pauta de exportação gaúcha, como a soja, contribuiu decisivamente para o bom desempenho das vendas externas do Estado ao longo de 2003. Além dos preços mais favoráveis, o crescimento das economias da China e da Argentina, grandes parceiros comerciais do Rio Grande do Sul, também favoreceu o incremento das exportações do Estado.

Diferentemente de 2002, quando o mercado argentino se retraiu, afetado pela violenta crise que se abateu sobre esse país, neste ano, as vendas do Rio Grande do Sul para a Argentina mantiveram-se em ritmo acelerado, registrando, até outubro, um crescimento de 195,99% em comparação com jan.-out./02 (Tabela 3). China e Alemanha também registraram fortes aumentos em suas compras de produtos gaúchos (63,80% e 65,70% respectivamente), impulsionando

nando os resultados do comércio exterior gaúcho e elevando suas participações no total exportado pelo Estado. Por outro lado, os Estados Unidos, embora ainda continuem como o principal mercado para os produtos do Rio Grande do Sul, registraram uma queda de 2,16% na aquisição de mercadorias gaúchas, o que reduziu sua participação nas exportações do Rio Grande do Sul, nos primeiros 10 meses de 2003, para 22,64% contra os 28,76% registrados entre janeiro e outubro de 2002.

O esforço de diversificação dos mercados de destino foi acompanhado por mudanças na posição relativa de alguns países. O Japão saiu da lista dos 10 principais mercados para o Rio Grande do Sul e caiu para a 13ª posição, enquanto o Chile passou a fazer parte do rol dos 10 mais importantes compradores de produtos gaúchos. E, dentre os mercados emergentes, cabe destaque para as altas taxas de crescimento das exportações gaúchas para a Turquia, o Taiwan, os Emirados Árabes, o Irã, a Arábia Súdita e a África do Sul.

O expressivo crescimento das vendas para a Argentina traduziu-se em um aumento de 103,75% nas exportações gaúchas para o Mercosul, cuja participação na pauta de exportações do Rio Grande do Sul passou para 9,73% (Tabela 4). Por outro lado, a Ásia, principalmente devido ao bom desempenho do comércio com a China, vem galgando posição entre os principais blocos econômicos de destino das exportações gaúchas. Enquanto a União Européia elevou levemente sua participação, o NAFTA e a ALADI — excluindo o Mercosul —, tradicionais mercados para manufaturados gaúchos, perderam posição. Para a ALADI, a queda ocorreu não por redução nas vendas, mas porque a taxa de crescimento das exportações para essa região não acompanhou a de outras regiões. Entretanto o NAFTA, com um decréscimo de 0,18% em suas aquisições de produtos gaúchos, passou de um percentual de participação de 32,02% de janeiro a outubro de 2002 para 25,72% em igual período de 2003. Tal fato pode ser explicado pela recessão que se abateu sobre os Estados Unidos durante um bom período de 2003, e, só nos últimos meses desse ano, a economia norte-americana vinha dando sinais de recuperação.

Analisando-se as exportações do Estado por fator agregado (Tabela 5), constata-se que os produtos básicos cresceram 35,83% no período jan.-out./03 em comparação com os primeiros 10 meses de 2002, principalmente devido à soja em grão, que registrou aumento tanto nos seus preços externos quanto na quantidade embarcada. As carnes de frango e de suíno também tiveram um bom desempenho. Com isso, a participação dos produtos básicos nas exportações gaúchas, que, de janeiro a outubro de 2002, era de 34,62%, passou para 37,84% em igual período de 2003. Já os produtos industrializados cresceram a uma taxa de 18,07% entre janeiro e outubro de 2003, e sua participação na pauta exporta-

dora do Estado passou de 64,16% em igual período de 2002 para 60,96% nos primeiros 10 meses de 2003. Dentre eles, destacam-se máquinas agrícolas e suas partes, plásticos e couros.

Exportações dos principais produtos

Calçados

O capítulo 64 da NCM (calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes) manteve-se na liderança das exportações gaúchas entre janeiro e outubro de 2003, embora tenha registrado uma queda de 3,63% em relação a igual período do ano anterior, frente a um crescimento de 24,26% no total exportado pelo Estado (Tabela 6). Como consequência, sua participação na pauta exportadora gaúcha, que, de janeiro a outubro de 2002, foi de 18,89%, reduziu-se para 14,65% nos primeiros 10 meses de 2003. Essa queda deveu-se a vários fatores, destacando-se a própria recessão econômica vivenciada pelos Estados Unidos durante boa parte de 2003.

Também o câmbio dificultou as vendas de calçados. Isto porque houve uma valorização do real frente ao dólar que desfavoreceu as exportações brasileiras para os Estados Unidos. Como pode ser visto na Tabela 1, mesmo considerando-se o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) como deflator, de janeiro a outubro de 2003 houve uma valorização do real de 7,3% em comparação com 2002 para o índice real/dólar, embora, para a taxa real efetiva, a moeda brasileira tenha registrado desvalorização. Considerando-se o índice de taxa de câmbio específico para a indústria, onde o deflator utilizado foi o IPA, a situação ficou ainda mais difícil, com uma valorização de 16,5% do real em relação ao dólar. Dado que o grande mercado para o calçado gaúcho é o dos Estados Unidos, a relação real/dólar assume importância maior do que a relação real/cesta de moedas. Esta última se aplica melhor para o conjunto das exportações, diversificado entre vários mercados. Se, para o total exportado pelo Rio Grande do Sul entre janeiro e outubro de 2003, os Estados Unidos representaram apenas 22,64% do mercado, para os calçados, o mercado norte-americano, no mesmo período, representou 66,80%, privilegiando a relação real/dólar quando se analisa o comportamento da taxa cambial para as exportações de calçados.

A Guerra do Iraque também exerceu efeito sobre as vendas para os Estados Unidos. Sendo uma guerra anunciada com bastante antecedência, as incer-

tezas da população norte-americana quanto ao futuro de sua economia aumentaram, o que se refletiu em queda na demanda e conseqüente redução nas encomendas. Como existe uma certa defasagem entre o pedido e a entrega da mercadoria (no caso dos calçados, esse intervalo gira em torno de dois meses), desde o início do ano os efeitos da redução nas encomendas já se faziam sentir.

A concorrência dos países asiáticos também prejudicou a venda de sapatos do Rio Grande do Sul para os Estados Unidos, pois, durante a recessão norte-americana, os asiáticos (muitos deles com suas moedas desvalorizadas frente ao dólar) baixaram os preços, e a concorrência ficou mais acirrada. A situação das exportações de calçados pelo Rio Grande do Sul em 2003 poderia ser ainda pior, não fosse a recuperação nas compras desse produto pelos argentinos. Em 2002, a Argentina viu suas compras de calçado gaúcho despencarem. Mas, em 2003, o quadro modificou-se, sendo que capítulo 64 da NCM registrou um aumento de 365% nas vendas para aquele país, e a participação da Argentina nas exportações de calçados pelo Rio Grande do Sul subiu de 0,66% entre janeiro e outubro de 2002 para 3,17% em igual período de 2003.

As vendas para os países da União Européia regidos pelo euro também se elevaram bastante, favorecidas pela valorização do euro frente ao dólar, já que facilitou a aquisição de produtos cotados na moeda norte-americana, como é o caso dos calçados brasileiros.

Para 2004, a perspectiva dos calçadistas é de melhoria nas suas vendas para o Exterior. Além da ampliação do mercado via diversificação, a recuperação da economia norte-americana nos últimos meses pode incentivar a demanda, como resultado da mudança de clima no comportamento do consumidor.

Complexo soja

De janeiro a outubro de 2003, o complexo soja (grão, farelo e óleo) gaúcho registrou um forte crescimento em suas exportações, fruto do aumento nos preços internacionais da soja e derivados e da safra recorde registrada neste ano no Rio Grande do Sul e no Brasil, este último com uma produção em torno de 52,5 milhões de toneladas.⁴ E as perspectivas são de que, na safra 2003/2004, o Brasil se converta no maior exportador mundial de soja em grão. O aumento do preço da soja, aliado à maior quantidade embarcada, elevou as receitas de

⁴ Em 1998, o Brasil produzia apenas 31 milhões de toneladas do produto, menos da metade da safra norte-americana à época, em torno de 75 milhões de toneladas (Brasil, 2003).

exportação da soja em grão em 127,20%, quando se comparam os períodos jan.-out./02 com jan.-out./03 (Tabela 7). Entretanto as exportações de óleo elevaram-se apenas 15,22%, e o farelo teve queda de 11,63%. Ou seja, mesmo aumentando as receitas do complexo soja, houve perda em termos de valor agregado, pois o aumento se deu pela maior exportação de produto *in natura*, sem processamento industrial.

Três fatores contribuíram para o aumento no preço da soja, no mercado externo: os baixos estoques norte-americanos, o aquecimento da demanda mundial e a quebra na safra chinesa. Os preços do grão dispararam, porque a seca reduziu a produção nos Estados Unidos e afetou também as culturas da Europa e da China. Além disso, outras oleaginosas tiveram queda na safra mundial devido à seca, o que redirecionou a demanda para a soja. Assim, nos últimos 12 meses, as cotações do grão de soja subiram 45% nas Bolsas internacionais (A importância..., 2003).

O câmbio, em parte, também favoreceu as vendas, já que o dólar se desvalorizou em muitos dos principais mercados para o grão de soja gaúcho.

A China consolidou-se como o principal mercado para a soja do Rio Grande do Sul. Mas, mesmo tendo elevado as vendas de soja em grão para a China em 98,51% de jan.-out./03 em comparação com jan.-out./02, a participação desse país nas exportações do grão pelo Rio Grande do Sul caiu de 69,25% para 60,51% no período em análise (Tabela 8). Isso ocorreu porque outros parceiros para o produto tiveram crescimento excepcional em suas compras de soja em grão do Rio Grande do Sul. Tal foi o caso de Taiwan, Alemanha, Espanha, Portugal, Malásia, Turquia, Coreia, França, Romênia e Suíça.

Ao contrário do grão, o óleo de soja registrou um crescimento de apenas 15,22% quando comparados os períodos jan.-out./02 e jan.-out./03. Países como a China reduziram suas compras de óleo de soja do Rio Grande do Sul em 11%, o Egito, em 78%, e o Uruguai zerou suas compras de óleo de soja do Rio Grande do Sul em 2003, embora sua participação sempre tenha sido marginal nas vendas desse produto pelo Estado. A grande vedete das exportações de óleo de soja pelo Rio Grande do Sul foi o Irã, que elevou sua participação nas vendas dessa mercadoria pelo Estado de 28,04% entre jan.-out./02 para 46,54% nos primeiros 10 meses de 2003. Grande parte desse aumento deveu-se à Guerra do Iraque, que induziu seus países vizinhos a formarem estoques de alimentos.

Contrariando o bom desempenho do grão, as receitas com farelo de soja exportado pelo Rio Grande do Sul entre janeiro e outubro de 2003 caíram devido à redução em suas compras por parte da Espanha, da Eslovênia, da Romênia, da Croácia, da Turquia e da França. E a Espanha, que liderava o mercado para o farelo de soja gaúcho, cedeu lugar para a Arábia Saudita e a Tailândia.

Para 2004, a perspectiva é que os preços mundiais dos grãos deverão apresentar um comportamento imprevisível, porque os níveis dos estoques estão bem abaixo da média, dificultando a cobertura de eventuais déficits de produção que possam advir.

Fumo

Entre jan.-out./02 e igual período de 2003, as exportações gaúchas de fumo e seus sucedâneos manufaturados (capítulo 24 da NCM) aumentaram 12,47%, destacando-se as vendas para a Turquia (com uma taxa de variação de 297%) e para a Holanda (74%). No início do ano, as vendas haviam se elevado bastante, principalmente devido ao acréscimo nas exportações para os Estados Unidos, o maior mercado, por país, para o fumo do Rio Grande do Sul. Por região, a União Européia é o bloco econômico que mais importa o fumo gaúcho.

Em 2003, a demanda ficou acima da oferta mundial, pois tanto os Estados Unidos quanto o Zimbábue — os dois principais concorrentes do Brasil no mercado fumageiro — apresentaram problemas na sua produção, o que elevou a cotação do fumo no mercado internacional, e o produto brasileiro apresentou excelente qualidade e preços competitivos, apesar da menor produtividade das lavouras devido a problemas climáticos (excesso de chuva). Houve, assim, uma corrida pelo fumo em folha brasileiro, e o produto praticamente se esgotou. Mesmo assim, o Brasil consolidou-se como o maior exportador de fumo do mundo, sendo que o Rio Grande do Sul responde pela maior parte das exportações de fumo do País.

Para 2004, espera-se um aumento na produção de fumo, tendo em vista a valorização do produto brasileiro no mercado externo. E a expectativa é de uma elevação nas suas exportações, em virtude de uma série de fatores, como a boa qualidade do fumo nacional, a competitividade de seus preços, os baixos estoques mundiais e a maior participação do País no mercado externo diante da redução na produção dos Estados Unidos e do Zimbábue.

Complexo carnes

O complexo carnes (capítulos 02 e 16 da NCM) abrange as carnes de aves, de suínos e de bovinos, refrigeradas ou congeladas (capítulo 02) e industrializadas (capítulo 16). De janeiro a outubro de 2003, as exportações do capítulo 02 pelo Rio Grande do Sul elevaram-se em 43,64%, o que resultou em um aumento

de participação nas exportações totais do Estado — passou de 7,03% para 8,13% —, embora tenha perdido posição no *ranking* das exportações por capítulos (Tabela 6). Já o capítulo 16,⁵ que abrange todas as carnes industrializadas, teve participação marginal nas exportações do Rio Grande do Sul (0,73% entre jan.-out./03), e o percentual de variação nas suas receitas, no mesmo período, foi de 8,12%, quando comparado com jan.-out./02 (Tabela 6).

O maior mercado para as carnes gaúchas nos primeiros 10 meses de 2003 continuou sendo a Rússia. Entretanto esse país perdeu participação no total de carnes exportadas pelo Estado, tendo em vista o crescimento excepcional das vendas para vários países do Oriente Médio e para alguns países da União Européia — como a Alemanha e, em menor grau, a Holanda — e a imposição de cotas pelos russos para a importação de carnes de frango e suína. Além da Rússia, outros compradores de carne gaúcha também perderam posição no *ranking* dos maiores mercados para esse produto no Rio Grande do Sul. Tal foi o caso do Reino Unido, do Japão e de Hong Kong (Tabela 8).

Dentre os três tipos de carne que compõem a pauta de exportações do complexo, merecem destaque as vendas de aves, responsáveis por mais de 70% das vendas externas de carnes em geral pelo Rio Grande do Sul. O maior aumento (47,69%) ocorreu nas vendas de frangos inteiros, enquanto as exportações de frango em pedaços se elevou 24,53% (Tabela 7).

O principal destino para a carne de frango do Rio Grande do Sul, de janeiro a outubro de 2003, foi a Arábia Saudita, responsável pela aquisição de 12,51% das vendas de frango gaúcho no mercado internacional. As cotas de importação de frango na Rússia e um aumento na taxaço do peito salgado na União Européia prejudicaram as exportações da carne de frango, o que foi compensado pelo aumento de preço decorrente da diminuição na oferta de frango no mercado internacional.

Em vigor desde maio de 2003, o sistema de cotas imposto pela Rússia definiu as cotas por país baseadas em exportações históricas. E, até 2001, o mercado russo para frangos foi dominado pelos Estados Unidos, sendo que o frango brasileiro só chegou à Rússia a partir de 2001. Em consequência, os norte-americanos ficaram com 80% da cota total de importação para 2003 (744 mil toneladas), restando ao Brasil menos de 5% (33 mil toneladas), sendo que, em 2002, o Brasil respondeu por 30% das importações de frango pela Rússia (Landim, 2003).

Já o aumento da taxaço sobre as importações de peito de frango salgado foi causado por uma reforma na classificação da mercadoria feita pela União

⁵ Além das carnes, esse capítulo inclui também preparações de peixes e de crustáceos.

Européia. A carne de frango congelada e com 1,2% de sal passou a ser enquadrada em outro capítulo, e, como consequência, além da tarifa de 15,4% aplicada, foi acrescentada uma tarifa adicional de 102,4 euros para cada 100kg (Aves..., 2003).

Em 2004, espera-se reverter as dificuldades causadas pelas cotas russas e pelo aumento do imposto na Europa, mas a grande aposta deverá ser na diversificação dos mercados, com o redirecionamento das vendas para o Oriente Médio e para a África.

As exportações de carne suína pelo Rio Grande do Sul entre jan.-out./03 aumentaram em torno de 60% em relação a igual período de 2002, e sua participação elevou-se para 1,21% frente aos 0,94% registrados nos primeiros 10 meses de 2002. O mercado russo, mesmo com as cotas, liderou as importações do produto gaúcho, embora tenha havido queda nos embarques. No caso da carne suína, até o momento, as cotas foram divididas por importador e não por país, como acontece com o frango. Como o produto brasileiro tem preços competitivos, as vendas brasileiras de carne suína, mesmo tendo diminuído, ainda não foram tão prejudicadas quanto o frango. Mas o setor teme que, a partir de 2004, os russos dividam as cotas por país, como acontece com o frango, e, nesse caso, as vendas do Brasil ficariam ainda mais prejudicadas, já que o País passou a exportar para a Rússia apenas nos últimos três anos.

Por outro lado, a recuperação da economia na Argentina permitiu um aumento das vendas de carne de porco pelo Estado. O mesmo ocorreu com outros mercados, como Hong Kong, Inglaterra e Holanda por exemplo, que elevaram suas encomendas do produto gaúcho.

Para 2004, a perspectiva é de que o volume embarcado será menor, mas o preço deverá aumentar, pois está havendo uma mudança no tipo de produto embarcado: redução nas vendas de carcaça e aumento nos embarques de cortes, sendo que estes últimos têm maior valor agregado.

Em relação à carne de gado, embora sua participação nas exportações do Estado ainda seja muito pequena (em consequência do efeito da febre aftosa que atingiu o Estado há alguns anos), existe perspectiva de aumento nas vendas externas de carne gaúcha, principalmente para mercados não tradicionais (os chamados mercados emergentes), como é o caso do Oriente Médio. Já para a Europa, a exigência de rastreabilidade dos animais poderá constituir-se em mais um fator impeditivo, pelo menos no curto prazo.

Máquinas e caldeiras

As principais mercadorias do capítulo 84 da NCM (reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos) exportadas pelo Rio Grande do Sul de janeiro a outubro de 2003 foram motores a diesel para veículos e máquinas e aparelhos para colheita (colheitadeiras). Entretanto os motores a diesel tiveram um desempenho negativo no período (-15,55%), conforme pode ser observado na Tabela 7, depois de terem apresentado um desempenho bastante favorável no início do ano. Acontece que o principal mercado para esse produto é o dos Estados Unidos, com uma participação de 96,81% no período em análise (Tabela 8), e as exportações de motores a diesel para automóveis do Rio Grande do Sul para os Estados Unidos, de janeiro a outubro de 2003, caíram 17% em relação a igual período de 2002. Dada a concentração no mercado norte-americano, muitas das dificuldades enfrentadas por esse setor podem assemelhar-se às dos calçadistas, como a retração do mercado norte-americano e as dificuldades com o câmbio.

Já as colheitadeiras foram as vedetes do capítulo 84, registrando um crescimento nas suas exportações de 133,51% no período analisado (Tabela 7). Embora tenham respondido por apenas 1,14% das exportações gaúchas entre jan.-out./03, vale destacar que esse percentual mais do que dobrou, se comparado com o do período entre janeiro e outubro de 2002, quando sua participação foi de 0,61%. Tudo isso graças às vendas de colheitadeiras para a Argentina e o Paraguai, com taxas de crescimento de 918% e 209%, respectivamente, e percentuais de participação de 49,01% e 21,38% (Tabela 8). Parte do aumento nas vendas ocorreu por conta da recuperação econômica da Argentina, mas também colaborou para o crescimento das exportações a transferência de uma fábrica da Inglaterra para o Rio Grande do Sul.

Veículos, automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios

As exportações pelo Rio Grande do Sul do capítulo 87 da NCM nos primeiros 10 meses de 2003 apresentaram um crescimento de 31,66%, superior, portanto, à média das exportações do Estado (Tabela 6). Dentre as mercadorias que compõem esse capítulo, destacaram-se as vendas externas de tratores e suas partes e carrocerias de ônibus.

O grande mercado para os tratores gaúchos no período analisado foi a Argentina, com um crescimento nas vendas para esse país da ordem de 1.770%.

Conseqüentemente, a Argentina elevou sua participação no mercado de tratores do Rio Grande do Sul de 3,01% entre jan.-out./02 para 30,46% em igual período de 2003, assumindo a liderança no *ranking* dos principais mercados para tratores gaúchos. Em contrapartida, as vendas para os Estados Unidos (segundo mercado para esse produto) mantiveram-se quase estáveis (aumento de 1,4%), o que reduziu a participação dos norte-americanos no *ranking* (Tabela 8). Vários países da América do Sul e da África tiveram aumentos substanciais em suas compras de tratores do Rio Grande do Sul, o que lhes permitiu melhorar sua participação no mercado de tratores gaúchos.

Já as carrocerias de ônibus tiveram uma variação negativa de 5,09% (Tabela 7), devido à queda nas exportações para o México (-22%), embora as vendas para a África do Sul, o Chile, os Emirados Árabes e a Argentina tenham impedido que a redução nas suas receitas fosse maior. Com isso, a África do Sul passou a ser o principal mercado para carrocerias de ônibus gaúchas, e o México, mesmo com a forte redução nas compras, ficou em segundo lugar (Tabela 8).

Produtos petroquímicos

Dois capítulos da NCM compõem o item produtos petroquímicos: plásticos e suas obras (capítulo 39) e vários produtos químicos orgânicos, incluídos no capítulo 29. Dentre os plásticos exportados pelo Rio Grande do Sul, destaca-se o polietileno em suas diversas formas, enquanto, dentre os produtos do capítulo 29, merecem destaque as vendas de benzeno.

O capítulo 39 apresentou um crescimento de 74,83% no período jan.-out./03 em comparação com jan.-out/02, o que elevou sua participação nas exportações do Estado de 3,24% no mesmo período de 2002 para 4,56% nos primeiros 10 meses de 2003. O principal mercado para os plásticos e suas obras é a Argentina (Tabela 8), e as vendas do capítulo 39 para esse país elevaram-se em 103% no período em análise, o que aumentou sua participação para 29,56% sobre o total do capítulo exportado pelo Rio Grande do Sul.

Em relação ao capítulo 29, sua taxa de crescimento foi de 40,41%, sendo que as exportações de benzeno se elevaram em 58,79% (Tabelas 6 e 7). O principal mercado para produtos químicos orgânicos exportados pelo Rio Grande do Sul são os Estados Unidos, com participação de 54,62%, seguido da Argentina, responsável por 25,92% (Tabela 8), o que fez esses dois países responderem por 80,54% do mercado externo de químicos orgânicos do Estado.

Couros

Nos primeiros 10 meses de 2003, as exportações de couros e peles (capítulo 41 da NCM) pelo Rio Grande do Sul aumentaram 20,55%, com destaque para o mercado mexicano, cujo aumento nas vendas foi de 2.081%. Entretanto os principais mercados para o couro gaúcho, no período, estiveram na Itália, em Hong Kong, nos Estados Unidos e na China. As vendas de couro para Hong Kong têm-se elevado nos últimos tempos e, até outubro de 2003, cresceram 44%. Já os Estados Unidos, apesar de ainda ser um mercado importante para o couro gaúcho, tiveram uma queda de 4,5% em suas compras desse produto oriundo do Rio Grande do Sul. Lentamente, tem-se observado um desvio do mercado para o couro gaúcho, da Europa e dos Estados Unidos, para os países asiáticos. Mas, a partir da valorização do euro, pode ser que o mercado europeu volte a ocupar seu antigo espaço.

Desde 2001, as exportações de couro *wet blue* (couro cru) têm sido taxadas em 9%, o que tem levado a um redirecionamento para a exportação do couro acabado. Curtumes que antes só exportavam couro *wet blue*, ou seja, em estado inicial de tratamento, estão se voltando para a exportação do produto acabado, o que implica maior complexidade do mercado. Se, na exportação de couro cru, a negociação básica está no preço, na de couro acabado, além do preço, também é avaliada a qualidade do produto, o que torna a conquista de mercado para o couro mais difícil e complexa, embora possa tornar-se um mercado mais estável depois de conquistado (Viscardi, 2003).

Considerações finais

O desempenho das exportações gaúchas em 2003 mostrou-se bem superior ao de 2002, graças a fatores internos e externos que contribuíram para esse bom resultado. Internamente, embora a taxa cambial não estivesse tão favorável quanto gostariam os exportadores, a retração econômica e a contração da renda real da população praticamente forçaram os empresários a buscar alternativas no mercado externo. Externamente, além da forte alta nos preços de *commodities* importantes nas exportações do Rio Grande do Sul, o aumento nas vendas para grandes parceiros como China e Argentina também contribuiu para elevar as vendas do Estado para o Exterior.

Para 2004, entretanto, a taxa de expansão nas vendas do Estado poderá arrefecer. Isto porque, com a economia brasileira mostrando sinais claros de recuperação, cresce também o debate sobre os efeitos dessa retomada sobre o

nível das exportações no País, as quais poderão sofrer algum tipo de redução para atender à maior demanda no mercado interno. Se tal ocorrer, pode bem ser possível que o Rio Grande do Sul não alcance em 2004 uma taxa de crescimento em suas vendas para o Exterior da mesma intensidade que a observada em 2003, até porque os cálculos partirão de uma base maior, se comparados os anos de 2004 e 2003.

Tabela 1

Índices de taxas de câmbio reais e variação percentual
em dólar e efetivas — 1989/03

ANOS E PERÍODO	ÍNDICES (1)				VARIAÇÃO %			
	Indústria (2)		Geral (3)		Indústria (2)		Geral (3)	
	R\$/US\$ (4)	Efetiva (5)	R\$/US\$ (4)	Efetiva (5)	R\$/US\$ (4)	Efetiva (5)	R\$/US\$ (4)	Efetiva (5)
1989	70,0	75,7	66,1	73,4	-10,9	-16,0	-18,3	-23,1
1990	58,2	67,9	52,8	63,2	-16,8	-10,3	-20,2	-13,9
1991	73,9	85,6	60,9	71,7	26,9	26,1	15,4	13,5
1992	71,9	86,0	66,3	80,6	-2,7	0,4	8,8	12,4
1993	66,6	76,2	65,1	76,3	-7,3	-11,4	-1,7	-5,3
1994	60,6	70,2	56,3	66,9	-9,0	-7,8	-13,5	-12,3
1995	57,0	69,4	44,9	56,4	-6,0	-1,2	-20,4	-15,8
1996	59,5	69,5	43,7	52,6	4,5	0,2	-2,5	-6,6
1997	61,3	67,4	45,3	50,7	3,0	-3,0	3,6	-3,6
1998	64,5	69,6	47,7	52,4	5,2	3,2	5,4	3,4
1999	88,4	94,0	72,7	79,2	37,2	35,2	52,4	51,0
2000	79,3	79,6	71,3	72,2	-10,3	-15,3	-1,9	-8,8
2001	93,9	90,6	87,6	85,0	18,4	13,7	22,7	17,7
2002	100,0	100,0	100,0	100,0	6,5	10,4	14,2	17,6
2003 (6)	83,5	93,2	92,7	104,6	-16,5	-6,8	-7,3	4,6

FONTE: INDICADORES DIESP. São Paulo, n. 96, set./out. 2003.

(1) Os índices têm como base 2002 = 100. (2) Deflatores: no Brasil, IPA-Produtos Industriais; em outros países, IPA. (3) Deflatores: no Brasil, INPC; em outros países, IPC. (4) Taxas médias de venda com base nos dias úteis ocorridos no período. (5) Média ponderada das cotações de sete moedas com pesos baseados na participação desses países no total das exportações brasileiras e mundiais. (6) Jan.-out.

Tabela 2

Exportações, por categoria de uso, do Rio Grande
do Sul — jan.-out./02 e jan.-out./03

DISCRIMINAÇÃO	VALOR		
	Jan.-Out./02 (US\$ 1 000 FOB)	Jan.-Out./03 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%
Bens de capital	442 986	661 047	49,23
Bens de capital (excluindo equipamento de transporte de uso industrial)	380 230	615 086	61,77
Equipamentos de transporte de uso industrial	62 756	45 962	-26,76
Bens intermediários	3 034 081	3 941 952	29,92
Alimentos e bebidas destinados à indústria	530 723	1 002 779	88,95
Insumos industriais	2 140 650	2 514 453	17,46
Peças e acessórios de equipamentos de transporte .	361 927	423 659	17,06
Bens diversos	782	1 061	35,62
Bens de consumo	1 846 293	2 011 315	8,94
Bens de consumo duráveis	175 747	185 834	5,74
Bens de consumo não duráveis	1 670 545	1 825 482	9,27
Combustíveis e lubrificantes	4 722	8 065	70,79
Demais operações	65 944	80 110	21,48
Não declarada	-	-	-
TOTAL	5 394 026	6 702 489	24,26

DISCRIMINAÇÃO	PARTICIPAÇÃO %	
	Jan.-Out./02	Jan.-Out./03
Bens de capital	8,21	9,86
Bens de capital (excluindo equipamento de transporte de uso industrial)	7,05	9,18
Equipamentos de transporte de uso industrial	1,16	0,69
Bens intermediários	56,25	58,81
Alimentos e bebidas destinados à indústria	9,84	14,96
Insumos industriais	39,69	37,52
Peças e acessórios de equipamentos de transporte .	6,71	6,32
Bens diversos	0,01	0,02
Bens de consumo	34,23	30,01
Bens de consumo duráveis	3,26	2,77
Bens de consumo não duráveis	30,97	27,24
Combustíveis e lubrificantes	0,09	0,12
Demais operações	1,22	1,20
Não declarada	-	-
TOTAL	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC.

Tabela 3

Valor e participação percentual das exportações, por países, do Rio Grande do Sul — out./02 e jan.-out./03

PAÍSES	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2002 (US\$1 000 FOB)	2003 (US\$1 000 FOB)	Δ%	2002	2003
Estados Unidos	1 551 192	1 517 650	-2,16	28,76	22,64
China	389 952	638 731	63,80	7,23	9,53
Argentina	159 404	471 827	195,99	2,96	7,04
Alemanha	185 953	308 122	65,70	3,45	4,60
Reino Unido	190 226	197 848	4,01	3,53	2,95
Itália	161 351	194 938	20,82	2,99	2,91
Países Baixos (Holanda)	133 253	179 808	34,94	2,47	2,68
Espanha	139 415	172 674	23,86	2,58	2,58
Federação da Rússia	140 980	163 821	16,20	2,61	2,44
Chile	128 462	162 482	26,48	2,38	2,42
República Islâmica do Irã	106 487	157 383	47,80	1,97	2,35
México	123 030	153 731	24,95	2,28	2,29
Japão	143 235	143 354	0,08	2,66	2,14
Bélgica	93 270	115 939	24,30	1,73	1,73
Hong Kong	86 554	114 649	32,46	1,60	1,71
África do Sul	80 627	113 427	40,68	1,49	1,69
Arábia Saudita	98 531	113 069	14,76	1,83	1,69
Paraguai	81 702	105 608	29,26	1,51	1,58
Taiwan (Formosa)	21 621	85 954	297,54	0,40	1,28
Provisão de navios e aeronaves	65 920	80 020	21,39	1,22	1,19
Uruguai	78 904	74 600	-5,45	1,46	1,11
Tailândia	62 513	69 168	10,65	1,16	1,03
Subtotal	4 222 580	5 334 803	26,34	78,28	79,59
Outros	1 171 446	1 367 686	16,75	21,72	20,41
TOTAL	5 394 026	6 702 489	24,26	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. Secretaria do Comércio Exterior. **AliceWeb**. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>

Tabela 4

Valor e participação percentual das exportações, por blocos,
do Rio Grande do Sul — jan.-out./02 e jan.-out./03

BLOCOS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2002 (US\$ 1 000 FOB)	2003 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2002	2003
Área de Livre Comércio das Américas (ALCA)	2 501 963	2 867 758	14,62	46,38	42,79
Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA)	1 727 231	1 724 087	-0,18	32,02	25,72
União Européia (UE)	1 052 810	1 356 352	28,83	19,52	20,24
Ásia (exclusive Oriente Médio)	939 389	1 328 953	41,47	17,42	19,83
Associação Latino-Americana de Integração (ALADI)	789 986	1 184 301	49,91	14,65	17,67
Mercado Comum do Sul (Mercosul)	320 010	652 034	103,75	5,93	9,73
ALADI (exclusive Mercosul)	469 976	532 267	13,25	8,71	7,94
Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP)	399 455	487 064	21,93	7,41	7,27
Orientes Médio	287 435	408 054	41,96	5,33	6,09
Tigres Asiáticos	180 834	287 531	59,00	3,35	4,29
Europa Oriental	239 118	271 844	13,69	4,43	4,06
Liga Árabe	217 110	269 372	24,07	4,03	4,02
África (exclusive Oriente Médio)	173 374	217 234	25,30	3,21	3,24
Comunidade Andina das Nações	206 827	205 843	-0,48	3,83	3,07
Comunidade dos Estados Independentes (CEI)	163 250	191 799	17,49	3,03	2,86
Demais países da Europa Ocidental	45 194	87 726	94,11	0,84	1,31
Mercado Comum Centro-Americano (MCCA)	43 011	55 794	29,72	0,80	0,83
Oceania	40 148	49 539	23,39	0,74	0,74
Demais países da América Latina	45 392	33 117	-27,04	0,84	0,49
Associação Européia de Livre Comércio (AELC)	27 265	18 126	-33,52	0,51	0,27
Comunidade e Mercado Comum do Caribe (CARICOM)	9 563	13 772	44,01	0,18	0,21
Demais países da América	12 241	9 505	-22,35	0,23	0,14
Total do Rio Grande do Sul ...	5 394 026	6 702 489	24,26	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. Secretaria do Comércio Exterior. **AliceWeb**. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>

Tabela 5

Valor e participação percentual das exportações, por fator agregado,
do Rio Grande do Sul — jan.-out./02 e jan.-out./03

DISCRIMINAÇÃO	VALOR		
	Jan.-Out./02 (US\$ 1 000 FOB)	Jan.-Out./03 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%
Básicos	1 867 421	2 536 520	35,83
Industrializados (A + B)	3 460 661	4 085 859	18,07
Semimanufaturados (A)	647 271	771 662	19,22
Manufaturados (B)	2 813 390	3 314 198	17,80
Operações especiais	65 944	80 110	21,48
TOTAL	5 394 026	6 702 489	24,26

DISCRIMINAÇÃO	PARTICIPAÇÃO %	
	Jan.-Out./02	Jan.-Out./03
Básicos	34,62	37,84
Industrializados (A + B)	64,16	60,96
Semimanufaturados (A)	12,00	11,51
Manufaturados (B)	52,16	49,45
Operações especiais	1,22	1,20
TOTAL	100,00	100,00

FONTE: MDIC/Secex/DTIC.

Tabela 6

Valor e participação percentual das exportações, por capítulos da NCM,
do Rio Grande do Sul — jan.-out./02 e jan.-out./03

CAPÍTULOS DA NCM	VALOR		
	2002 (US\$ 1 000 FOB)	2003 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%
64 Calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes	1 019 048	982 022	-3,63
24 Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	775 079	871 710	12,47
12 Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	349 976	792 569	126,46
02 Carnes e miudezas, comestíveis	379 366	544 903	43,64
84 Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	360 308	500 494	38,91
87 Veículos automóveis, tratores, etc. suas partes/acessórios	305 324	401 994	31,66
41 Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo), e couros	254 615	306 943	20,55
39 Plásticos e suas obras	174 808	305 616	74,83
23 Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	298 363	263 426	-11,71
15 Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	180 787	207 691	14,88
94 Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	121 142	146 735	21,13
29 Produtos químicos orgânicos	103 212	144 918	40,41
40 Borracha e suas obras	95 129	129 182	35,80
44 Madeira, carvão vegetal e obras de madeira ..	93 655	97 245	3,83
85 Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc.	73 175	89 094	21,75
47 Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas, etc.	66 713	84 546	26,73
99 Transações especiais	65 944	80 110	21,48
82 Ferramentas, artefatos de cutelaria, etc. de metais comuns	58 435	59 242	1,38
16 Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	45 176	48 845	8,12
42 Obras de couro, artigos de correeiro ou de seleiro, etc.	45 299	41 417	-8,57
73 Obras de ferro fundido, ferro ou aço	43 679	40 972	-6,20
38 Produtos diversos das indústrias químicas	45 481	39 864	-12,35
Subtotal	4 954 714	6 179 538	24,72
Outros	439 312	522 951	19,04
TOTAL	5 394 026	6 702 489	24,26

(continua)

Tabela 6

Valor e participação percentual das exportações, por capítulos da NCM,
do Rio Grande do Sul — jan.-out./02 e jan.-out./03

CAPÍTULOS DA NCM	PARTICIPAÇÃO %	
	2002	2003
64 Calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes	18,89	14,65
24 Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	14,37	13,01
12 Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	6,49	11,82
02 Carnes e miudezas, comestíveis	7,03	8,13
84 Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	6,68	7,47
87 Veículos automóveis, tratores, etc. suas partes/acessórios	5,66	6,00
41 Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo), e couros	4,72	4,58
39 Plásticos e suas obras	3,24	4,56
23 Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	5,53	3,93
15 Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	3,35	3,10
94 Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	2,25	2,19
29 Produtos químicos orgânicos	1,91	2,16
40 Borracha e suas obras	1,76	1,93
44 Madeira, carvão vegetal e obras de madeira ..	1,74	1,45
85 Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc.	1,36	1,33
47 Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas, etc.	1,24	1,26
99 Transações especiais	1,22	1,20
82 Ferramentas, artefatos de cutelaria, etc. de metais comuns	1,08	0,88
16 Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	0,84	0,73
42 Obras de couro, artigos de correeiro ou de seleiro, etc.	0,84	0,62
73 Obras de ferro fundido, ferro ou aço	0,81	0,61
38 Produtos diversos das indústrias químicas	0,84	0,59
Subtotal	91,86	92,20
Outros	8,14	7,80
TOTAL	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. Secretaria do Comércio Exterior. **AliceWeb**. Disponível em: <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>

Tabela 7

Valor e participação percentual das exportações, por mercadorias,
do Rio Grande do Sul — jan.-out./02 e jan.-out./03

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALOR		
		2002 (US\$ 1 000 FOB)	2003 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%
12	Outros grãos de soja, mesmo triturados	347 230	788 908	127,20
24	Fumo não manufaturado total ou parcialmente destalado em folhas secas, etc., tipo virginia	580 854	651 072	12,09
64	Outros calçados de couro natural	673 937	648 558	-3,77
23	Bagacos e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	288 072	254 572	-11,63
15	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	176 449	203 305	15,22
02	Pedaços e miudezas, comestíveis de galos/gali- nhas, congelados	161 547	201 169	24,53
02	Carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedaços, congeladas	122 134	180 379	47,69
64	Outros calçados de couro natural, cobrindo o tornozelo	194 727	150 149	-22,89
87	Outros tratores	79 106	146 217	84,84
24	Fumo não manufaturado total ou parcialmente destalado em folhas secas, tipo Burley	121 467	144 512	18,97
84	Outros motores diesel/semidiesel, para veículos do capítulo 87	138 692	117 131	-15,55
39	Outros polietilenos sem carga, densidade superior ou igual a 0,94, em forma primária	73 519	109 529	48,98
87	Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis	47 504	92 090	93,86
87	Carroçarias para veículos automóveis; transpor- tam igual ou superior a 10 pessoas ou para carga	96 253	91 356	-5,09
02	Outras carnes de suíno congeladas	50 684	81 205	60,22
47	Pasta química de madeira de não coníferas a soda ou a sulfato, semibranqueada	63 422	79 608	25,52
99	Consumo de bordo — combustíveis e lubrificantes para embarcações	64 143	77 626	21,02
84	Outras máquinas e aparelhos para colheita	32 821	76 640	133,51
41	Outros couros/peles bovinos, secos, plena flor ..	44 920	73 850	64,40
39	Polietileno sem carga, densidade inferior a 0,94, em forma primária	41 773	62 309	49,16
29	Benzeno	34 975	55 538	58,79
39	Polietileno linear, densidade inferior a 0,94, em forma primária	25 103	51 448	104,94
	Subtotal	3 459 331	4 337 170	25,38
	Outros	1 056 856	3 243 158	206,87
	TOTAL GERAL	5 394 026	6 702 489	24,26

(continua)

Tabela 7

Valor e participação percentual das exportações, por mercadorias,
do Rio Grande do Sul — jan.-out./02 e jan.-out./03

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	PARTICIPAÇÃO %	
		2002	2003
12	Outros grãos de soja, mesmo triturados	6,44	11,77
24	Fumo não manufaturado total ou parcialmen- te destalado em folhas secas, etc., tipo vir- gínia	10,77	9,71
64	Outros calçados de couro natural	12,49	9,68
23	Bagaços e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	5,34	3,80
15	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado ...	3,27	3,03
02	Pedaços e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados	2,99	3,00
02	Carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedaços, congeladas	2,26	2,69
64	Outros calçados de couro natural, cobrindo o tornozelo	3,61	2,24
87	Outros tratores	1,47	2,18
24	Fumo não manufaturado total ou parcial- mente destalado em folhas secas, tipo Burley	2,25	2,16
84	Outros motores diesel/semidiesel, para veí- culos do capítulo 87	2,57	1,75
39	Outros polietilenos sem carga, densidade superior ou igual a 0,94, em forma primária ...	1,36	1,63
87	Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis	0,88	1,37
87	Carroçarias para veículos automóveis; transportam igual ou superior a 10 pessoas ou para a carga	1,78	1,36
02	Outras carnes de suíno congeladas	0,94	1,21
47	Pasta química de madeira de não coníferas a soda ou a sulfato, semibranqueada	1,18	1,19
99	Consumo de bordo — combustíveis e lubrificantes para embarcações	1,19	1,16
84	Outras máquinas e aparelhos para colheita ...	0,61	1,14
41	Outros couros/peles bovinos, secos, plena flor	0,83	1,10
39	Polietileno sem carga, densidade inferior a 0,94, em forma primária	0,77	0,93
29	Benzeno	0,65	0,83
39	Polietileno linear, densidade inferior a 0,94, em forma primária	0,47	0,77
	Subtotal	64,13	64,71
	Outros	19,59	48,39
	TOTAL GERAL	100,00	100,00

FONTE: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. Secretaria do Comércio Exterior.
AliceWeb. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>

Tabela 8

Participação percentual, segundo o destino, dos principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul — jan.-out./02 e jan.-out./03

PRODUTOS E PAÍSES	2002	2003
Calçados	100,00	100,00
Estados Unidos	72,15	66,8
Reino Unido	7,16	7,34
Argentina	0,66	3,17
Canadá	2,78	2,64
Alemanha	1,67	2,29
México	2,28	1,92
Chile	1,53	1,79
Soja em grãos	100,00	100,00
China	69,25	60,51
Taiwan (Formosa)	1,80	8,78
Alemanha	0,00	8,69
Espanha	4,55	6,18
República Islâmica do Irã	12,33	4,77
Farelo	100,00	100,00
Arábia Saudita	12,09	20,11
Tailândia	11,57	14,88
Espanha	20,40	14,49
Indonésia	9,43	13,93
Itália	9,54	11,02
Coréia do Sul	6,07	6,91
Óleo	100,00	100,00
República Islâmica do Irã	28,04	46,54
China	34,98	26,95
Índia	16,34	14,70
Bangladesh	4,57	5,06
Carnes	100,00	100,00
Federação da Rússia	22,66	18,87
Arábia Saudita	7,86	9,17
Países Baixos (Holanda)	8,20	9,02
Reino Unido	12,21	8,09
Japão	7,57	6,09
Alemanha	2,54	5,53
Emirados Árabes Unidos	3,67	5,06
Hong Kong	4,93	4,63

(continua)

Tabela 8

Participação percentual, segundo o destino, dos principais produtos exportados pelo
Rio Grande do Sul — jan.-out./02 e jan.-out./03

PRODUTOS E PAÍSES	2002	2003
Carne de aves	100,00	100,00
Arábia Saudita	9,92	12,51
Países Baixos (Holanda)	9,30	9,87
Rússia	18,01	8,98
Reino Unido	14,16	8,65
Japão	10,18	8,37
Alemanha	2,98	7,55
Emirados Árabes Unidos	4,84	6,76
Outras carnes	100,00	100,00
Federação da Rússia	40,11	46,33
Hong Kong	12,80	8,62
Reino Unido	8,17	7,22
Argentina	5,77	7,86
Países Baixos (Holanda)	6,04	7,44
Fumo	100,00	100,00
Estados Unidos	19,82	19,86
Alemanha	10,91	10,79
Países Baixos (Holanda)	4,60	7,10
Bélgica	7,49	6,23
Japão	6,20	5,59
Couros	100,00	100,00
Itália	20,42	19,99
Hong Kong	16,05	19,12
Estados Unidos	19,57	15,49
China	12,12	12,40
Alemanha	3,92	3,61
Produtos Petroquímicos	100,00	100,00
Argentina	25,41	29,56
Chile	14,80	11,99
Bélgica	5,89	8,20
Espanha	7,62	5,22
Uruguai	4,49	4,08
Motores diesel	100,00	100,00
Estados Unidos	98,83	96,81
México	1,13	2,84
República Islâmica do Irã	0,00	0,32

(continua)

Tabela 8

Participação percentual, segundo o destino, dos principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul — jan.-out./02 e jan.-out./03

PRODUTOS E PAÍSES	2002	2003
Móveis	100,00	100,00
Estados Unidos	34,27	29,17
Reino Unido	13,58	17,86
França	8,43	5,07
Chile	4,92	4,78
Produtos químicos orgânicos	100,00	100,00
Estados Unidos	55,98	54,62
Argentina	20,99	25,92
Países Baixos (Holanda)	6,80	5,88
Israel	6,32	3,08
Borracha e suas obras	100,00	100,00
Estados Unidos	25,03	24,25
Itália	10,92	8,89
Argentina	4,45	12,52
Japão	6,82	6,37
Alemanha	5,97	5,04
Carrocerias	100,00	100,00
África do Sul	10,01	28,38
México	33,23	27,36
Chile	13,32	20,57
Emirados Árabes Unidos	0,00	10,42
Madeira e suas obras	100,00	100,00
Estados Unidos	42,14	47,03
Japão	37,34	35,63
Itália	2,96	4,55
Espanha	0,69	2,68
Tratores	100,00	100,00
Argentina	3,01	30,46
Estados Unidos	37,81	20,75
Paraguai	4,97	8,00
Venezuela	23,50	6,34
Pastas de madeira	100,00	100,00
Bélgica	24,67	27,37
Itália	25,09	20,63
China	4,57	12,79

(continua)

Tabela 8

Participação percentual, segundo o destino, dos principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul — jan.-out./02 e jan.-out./03

PRODUTOS E PAÍSES	2002	2003
República da Coreia do Sul	11,40	8,03
Ferramentas e artefatos de cutelaria	100,00	100,00
Estados Unidos	22,97	20,65
México	11,69	10,74
Argentina	1,65	6,92
Bolívia	4,24	3,94
Armas, munições e acessórios	100,00	100,00
Estados Unidos	82,67	80,70
Cingapura	3,40	3,27
Alemanha	2,65	1,68
Iêmen	1,38	1,35
Ônibus	100,00	100,00
Chile	5,42	24,51
África do Sul	40,78	14,55
Emirados Árabes Unidos	3,13	14,36
El Salvador	2,50	10,54
Costa Rica	1,99	7,53
Honduras	1,38	6,67
Equador	0,90	5,46
Máquinas e aparelhos para colheita	100,00	100,00
Argentina	11,24	49,01
Paraguai	16,14	21,38
Alemanha	10,47	4,06
Bolívia	5,41	3,11
Polônia	4,70	2,67
Colômbia	3,89	2,31
Itália	2,03	2,26

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. Secretaria do Comércio Exterior. **AliceWeb**. Disponível em:
<<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>

Referências

A IMPORTÂNCIA estratégica do agronegócio. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. A-3, 11 nov. 2003.

AVES: país questiona taxa da UE. **Correio do Povo**. Porto Alegre, p. 14, 3 out. 2003.

BALBI, S. Cai busca de proteção cambial por empresas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. B-1, 12 nov. 2003.

BOLETIM FUNCEX DE COMÉRCIO EXTERIOR. Rio de Janeiro: FUNCEX, v. 7, n. 10, out. 2003.

BRASIL encosta nos EUA na produção de soja. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. B-5, 11 out. 2003.

DELFIM NETTO, A. A desvalorização do dólar. **Valor Econômico**, São Paulo, p. A-2, 28 out. 2003 .

DELFIM NETTO, A. Valorização do real. **Valor Econômico**, São Paulo, p. A-2, 29 out. 2003a.

LANDIM, R. Ofensiva para recuperar o mercado russo de frango. **Valor Econômico**, São Paulo, p. B-8, 10-12 out. 2003.

VISCARDI, K. Couro acabado dribla sazonalidade. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 12, 20 out. 2003.